

## CONCLUSÃO

# A luta entre a preferência e a resistência: a espera de Deus que mendiga o nosso amor

por Julián Carrón\*

Assim entrou na história a luta entre o amor de Deus, que nunca deixa de procurar o homem, e a relutância do homem; é uma luta entre a preferência e a resistência, entre a preferência de Deus e a resistência do homem; é uma luta entre si mesmo e a medida misteriosa que se fez evidente na história do povo. “O critério adequado do seu agir de homem é Deus [...]. Ao invés disso, o homem tenta desde o início desnaturar a sua imagem de criatura feita ‘à semelhança’ de Deus, tende a estruturar a vida a partir de sua própria medida, que em formas mais ou menos refinadas e complexas não é outra coisa senão a reatividade do instante, quer se apresente como estado de espírito, como instinto, quer se apresente como opinião. [...] A mentira geral a nível de consciência é a tentação até mesmo naquele pequeno povo que Deus escolheu, mas ela ali se manifesta de maneira mais dramática, como luta entre *si próprio* e a medida misteriosa: é como se o homem tivesse de caminhar totalmente entregue a algo que não corresponde a nenhuma medida humana, e encontrasse alegria após ter-se abandonado; [que paz quando nos abandonamos!] mas, normalmente, [não é assim:] há dureza, resistência e rebeldia.”<sup>1</sup>

Diante desta feroz obstinação do homem, Deus é “forçado” a mostrar suas entranhas cheias de amor e de misericórdia. Exatamente como vocês, pais, como uma mãe diante da teimosia do filho: ou o joga contra a parede ou deve expor todas as suas entranhas de mãe. Não obstante o povo persista em sua resistência, Deus não consegue abandoná-lo. [...]

Pareceria um fracasso total. Mas “Deus não falha”, diz Bento XVI. “Ou mais exatamente: no início Deus falha sempre, deixa existir a liberdade do homem, e esta diz continuamente ‘não’. Mas a fantasia de Deus, a força criadora do seu amor é maior do que o ‘não’ humano. Com cada ‘não’ humano acrescenta-se uma nova dimensão do Seu amor, e Ele »

\* Do livreto dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016  
© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» encontra um caminho novo, maior, para realizar o seu ‘sim’ ao homem, à sua história e à criação.”<sup>2</sup>

Mesmo neste momento Deus não quebra a sua Aliança. Ele a repropõe. “Deus nunca é derrotado”, afirmava o então Cardeal Ratzinger, “e as suas promessas não caem junto com as derrotas humanas, antes, elas se tornam maiores, assim como o amor cresce na medida em que o amado precisa”.<sup>3</sup> Este é um ponto crucial, que subverte a nossa lógica. Nós projetamos em Deus nossas derrotas e nossos parâmetros de sucesso e de fracasso. “Mas eu sou Deus, não homem”, repete-nos. Ele é “Outro”, não um prolongamento de nós. Deus é diferente, é um outro diferente de nós. Deus é Deus. Por isso recomeça sempre com novas ações e nunca deixa de tomar a iniciativa em relação a nós, pois não está ligado ao que nós chamaríamos de “sucessos”. Deus não mede de acordo com essa métrica a eficácia de Sua iniciativa, porque a nascente da Sua ação é totalmente diferente: Suas entranhas, não nossas derrotas. Tanto é verdade que, por mais que o homem diga que não, por mais que sua resposta seja sempre inadequada, Ele nunca deixa de procurá-lo. Como diz o Papa Francisco, “nunca Se cansa de passar e repassar pelas praças dos homens até às cinco horas da tarde a fim de lhes propor o seu convite de amor”.<sup>4</sup> [...]

“Eis portanto o ponto: Deus se comoveu com o nosso nada. Não só: Deus se comoveu com a nossa traição, com a nossa rude pobreza, esquecida e traiçoeira pobreza, com a nossa mesquinhez. Deus se comoveu com a nossa mesquinhez, que é ainda mais do que se comover com o nosso nada. ‘Tive piedade do teu nada, tive piedade do teu ódio contra mim. Comovi-me porque tu me odeias’, como um pai e uma mãe que choram de comoção por causa do ódio do filho. Não choram porque ficam tocados, choram de comoção, quer dizer, com um pranto totalmente determinado pelo desejo do bem do filho, do destino do filho: que o filho mude, pelo seu destino; que se salve. É uma compaixão, uma piedade, uma paixão. Teve piedade de mim que era tão esquecido e mesquinho. Se a nossa vida é normal, com aquilo que tivemos é difícil conseguir encontrar durante o dia particulares pecados, mas o pecado é a mesquinhez da distração e do esquecimento; o pecado é a mesquinhez de não traduzir em novidade, não deixar resplandecer de aurora nova aquilo que fazemos: nós deixamos opaco da forma como acontece; sem tocar ninguém, mas sem doar o que fazemos ao esplendor do Ser”.<sup>5</sup>

Esta é, então, a fonte da nossa certeza: “Teve piedade de mim e do meu nada e me escolheu; escolheu-me porque teve piedade de mim; escolheu-me porque se comoveu com a minha mesquinhez! Aquilo que qualifica a dedicação do Mistério para conosco – o Mistério supremo e o Mistério deste homem que é Cristo, Deus feito homem –, a dedicação com a qual o Mistério cria o mundo e perdoa a mesquinhez do homem – e o perdoa abraçando-o; mesquinho, nojento, abraça-o – é uma emoção, é como uma emoção; é uma comoção, tem dentro uma comoção. É justamente esta a observação que exalta a maternidade de Deus”.<sup>6</sup> [...]

Digam-me se há algo mais urgente do que um olhar como este sobre nós. Através dele, Deus quer suscitar o nosso “sim”. Por isso Simone Weil dizia: “Deus espera com paciência que eu queira enfim concordar em amá-lo. Deus espera como um mendigo que fica de pé, imóvel e silencioso, na frente de alguém que talvez lhe dê um pedaço de pão. O tempo »

» é essa espera. O tempo é a espera de Deus que mendiga o nosso amor”.<sup>7</sup> Nós podemos responder a isto com aquilo que cantamos no começo: “Eu sei quem és para mim, haja o que houver espero por ti”.<sup>8</sup>

---

<sup>1</sup> L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, São Paulo, Companhia Ilimitada, 1996, pp. 39-40.

<sup>2</sup> Bento XVI, *Homilia na Santa Missa com o Episcopado da Suíça*, 7 de novembro de 2006.

<sup>3</sup> J. Ratzinger, *Guardare Cristo. Esercizi di Fede, Speranza e Carità*, Jaca Book, Milão 1989, p. 44.

<sup>4</sup> Francisco, *Discurso no encontro com os Bispos dos Estados Unidos da América*, Washington D.C., EUA, 23 de setembro de 2015.

<sup>5</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, p. 277.

<sup>6</sup> *Ibidem*, pp. 277-278.

<sup>7</sup> S. Weil, *Quaderni. Volume IV*, Milão : Adelphi, 1993, p. 177.

<sup>8</sup> *Haja o que houver*, letra e música de P.A. Magalhães: «Haja o que houver eu estou aqui, /haja o que houver espero por ti; / volta no vento, ó meu amor, / volta depressa, por favor. // Há quanto tempo já esqueci / porque fiquei longe de ti; / cada momento é pior, / volta no vento por favor. // *Eu sei quem és para mim / haja o que houver espero por ti. // Há quanto tempo já esqueci... // Eu sei quem és para mim...».*